



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

*Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

### **TEMPOS HIPERMODERNOS E PRODUTIVIDADE DOCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA: DILEMAS E ENCRUZILHADAS**

*Egeslaine de Nez - UNEMAT*

#### **RESUMO:**

No emaranhado da sociedade do conhecimento e hipermoderna encontra-se a universidade brasileira, enraizada em situações concretas que balizam suas relações com a realidade sócio-econômica. O objetivo deste artigo é compreender os dilemas e as encruzilhadas vivenciadas pela Pós-graduação brasileira no tocante a produtividade docente. Utilizou-se para a construção desta investigação, expressando as respectivas abordagens de análise dos dados, num primeiro momento uma pesquisa bibliográfica, seguida de uma pesquisa documental (análise de conteúdo) e num terceiro momento uma pesquisa de campo (análise quali/qualitativa). Os resultados encontrados sinalizam que houve ao longo dos últimos anos a efetivação de diligências no âmbito operacional, por intermédio do aprimoramento do sistema de coleta e tratamento de dados, além da definição de indicadores mais precisos da produtividade docente. Isso tem relevância científica quando se apresenta uma discussão sobre o papel da Pós-Graduação nessa realidade hipermoderna, marcada pelo avanço do capitalismo acadêmico. Em suma, o produtivismo acadêmico vem sendo pesquisado, denunciado e causa desconforto entres os pesquisadores. É o paradoxo atual provocado pela hipermodernidade, um indivíduo produtivo ao extremo, porém uma engrenagem da sociedade.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Hipermodernidade, Pós-graduação, Avaliação, Produtividade Docente.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

#### **INTRODUZINDO A DISCUSSÃO SOBRE A HIPERMODERNIDADE**

A pós-modernidade, fase cultural do capitalismo nos estágios mais avançados, tem em seu advento uma acelerada transformação do modo de produção material com o uso da tecnociência associada à produção de mercadorias, à robótica, à informática, à flexibilização da produção, ao gerenciamento e à globalização da economia de mercado. Esse período indicou o advento de uma temporalidade social inédita; sendo que o mundo pós-moderno é um presente eterno, sem origem, destino, passado ou futuro, temporário e mutável.

Ao mesmo tempo em que a modernidade foi um grande ciclo histórico dominado pelo futuro, a pós-modernidade se apresenta como uma saída da “prisão”. A sociedade que se implantou até os anos setenta estava centrada no presente, indicando o fim das grandes crenças políticas. Isso legitimou a ideia de pós-modernidade.

A pós-modernidade tem seus questionamentos dirigidos à questão da hegemonia do pensamento científico como saber único. Para Lyotard (1989) ele foi por séculos hegemônico, hoje existe um maior entendimento de que não seja o único saber. Isto significa enfatizar que o saber não se reduz ao conhecimento científico.

Assim, os fatos estavam evidentes, mas a conceituação não estava; o que se vivia era outra forma de modernidade, não o seu o fim, era possível identificar outra face. Com isso, existem razões para se aceitar a proposta de que não se está numa sociedade pós-moderna, mas noutra modernidade, a hiper. Uma dessas razões são seus princípios fundamentais constitutivos de outra forma moderna: a valorização do indivíduo, da democracia, do mercado e da tecnociência. Vive-se um regime hiperbólico e superlativo.

Lipovetsky (2004) considera que: “No momento em que triunfam a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo *pós-moderno* já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia” (p. 52 – grifo do autor). O prefixo *pós* da pós-modernidade dirige o olhar para um passado que já não existia mais. Há um equívoco, já que ocorreu uma modernização de um novo gênero e não uma ultrapassagem, esse conceito foi adequado para o momento, porque supostamente indicava o novo, a novidade.

Pereira (2003) também concorda enfatizando que o uso desse termo suscita polêmica, que se inicia no entendimento do prefixo *pós*, que para alguns é compreendido como sendo *contra* a modernidade. Todavia, Harvey (1996) acredita ser ingênuo descrever o pós-modernismo apenas como uma reação ao modernismo, utilizando polarizações simples e dicotômicas para expressar relações que são complexas. Não se trata assim apenas de uma discussão clara sobre o conceito, ao contrário remete a uma passagem lenta e complexa para um novo tipo de sociedade, de cultura e de indivíduo, nascido no interior e no prolongamento da era moderna.

O termo pós-modernidade é no mínimo emblemático porque parece indicar de certa forma uma ruptura na história do individualismo moderno, o fato é que marca uma alteração de perspectiva. Tinha como finalidade salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades, porém, a expressão é ambígua, e nem sempre consegue informar adequadamente suas finalidades,



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

sendo desta forma, por muitas vezes considerada inconsistente e vaga. Exatamente, por esses motivos, para Lipovetsky (2004) o uso do prefixo pós foi reticente; é evidente que há vinte ou trinta anos atrás, esse conceito inspirava “oxigênio”, e poderia sugerir novos ares; hoje, entretanto, está em desuso.

O neologismo pós-moderno teve como objetivo salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Isso se apresenta no endeusamento do consumo e na apoteose da comunicação, no enfraquecimento das normas autoritárias; no surto de individualismo; na consagração do hedonismo e do psicologismo; no descontentamento com a política e a militância.

Lipovetsky (2004) compartilha com Baudrillard, Maffesoli e Lyotard, a idéia de que a condição pós-moderna é uma época marcada pelo predomínio do individual sobre o coletivo, a diversificação dos gostos, o consumo em excesso e o esgotamento do impulso modernista do futuro. O indivíduo consome vertiginosamente e fica em busca contínua de realização; isso acontece num processo autofágico permanente, e sinaliza um vazio apoiado num direito considerado supremo e inquestionável, o de realizar-se. Nesse contexto, o narcisista pós-moderno é um indivíduo nem sempre comprometido, irreverente e cheio de juventude, cuja socialização se apóia na indiferença e na apatia.

A partir dessas reflexões sobre a conceituação da pós-modernidade, que não é algo fácil, sendo que há uma série de polêmicas em relação a terminologia como se pode perceber, Lipovetsky (2004) promove a utilização de outro termo em seu lugar, a hipermodernidade, compreendida como uma sociedade, caracterizada pelo movimento, pela fluidez e pela flexibilidade; indiferente aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que foram obrigados a se adaptar ao ritmo hipermoderno para não sumir. Tudo acontece rapidamente como se tivesse ido do pós para o hiper, nascendo outra sociedade...

Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto - o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? Ao clima de epílogo segue-se uma sensação de fuga para adiante, de modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas (LIPOVETSKY, 2012, p. 01).

O prefixo pós se volta para o passado. Enquanto que o prefixo hiper dá uma dimensão de futuro e para frente. Nessa nova condição há consumo comercial da relação com o tempo, prevalece uma escalada ao extremo e a uma dinâmica ilimitada, a uma “espiral hiperbólica”. Nessa sociedade, o tempo é cada vez mais visto com preocupação, se exerce uma pressão temporal crescente e constante. “Estamos em um mundo de incertezas, de risco. Tudo isso me faz rejeitar o conceito de pós-moderno. Essa conceituação tinha um sentido cultural e não estrutural” (LIPOVETSKY, 2004, p. 38).



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

É importante se fazer referência nessa interlocução ao hiperconsumo. O mundo do consumo e da comunicação aparece como um sonho jubiloso. A sociedade do consumo mercantil se exhibe sob o signo do excesso e da fartura de tipos de mercadorias. Os tempos hipermodernos exigem hipermercados e *shopping centers* gigantescos que contenham muito espaço para divulgar os produtos para o consumo (LIPOVETSKY, 2004). Devem ser sofisticados, pois sua clientela é cada dia mais egocêntrica, chegando a ser hiperindividualista, compreendendo o consumismo como uma forma de compensar a angústia existencial, preenchendo o vácuo do presente e do futuro, buscando o prazer das mudanças.

A primazia do presente se instalou menos pela ausência de sentido e de valor, do que pelo excesso de bens e de consumo. Foi o poder dos dispositivos políticos do consumismo e da moda que provocou a derrota da modernidade. Porém, é necessário dizer que a hipermodernidade ainda não entoou o seu “canto da sereia”, está apenas no começo de sua aventura histórica. Está se constituindo dia-a-dia, se desvendando em cada nova situação apresentada e se reorganizando a partir dos encaminhamentos revelados.

Por isso, esse artigo tem como objetivo compreender os dilemas e as encruzilhadas vivenciadas pela Pós-graduação brasileira no tocante a produtividade docente no contexto de uma sociedade hipermoderna.

### **AVALIAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL**

No emaranhado de uma sociedade do conhecimento (HARGREAVES, 2004 e DIDRIKSSON, 2008) e de tempos hipermodernos encontra-se a universidade brasileira, que tem as funções do ensino, da pesquisa, e da extensão como forma de inserção na sociedade. Enquanto instituição histórica, a universidade é enraizada em situações concretas que balizam os tempos; suas relações com o contexto sócio-econômico sempre estão atravessadas por disputas diversas. Tanto é que se observa no seu interior, opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade.

É exatamente nesse contexto, que a universidade, e em especial nesse estudo a Pós-graduação se insere, no predomínio da internacionalização da Educação Superior e do conhecimento (LIMA e CONTEL, 2011) e do turbocapitalismo (MOROSINI, 2006), onde se corre o risco de consolidar uma era neocolonialista neste nível de educação.

Atualmente, o tema Pós-graduação assumiu importância nacional. De 1996 para cá, diversas publicações tem analisado a situação recente dos programas e os resultados decorrentes dos investimentos pelas agências de fomento. Além de apresentar propostas para modificar os rumos da Pós-graduação em função das experiências dos últimos anos.

Cabe destacar que a concepção de Pós-Graduação característica do Brasil não pode ser vista separadamente do conceito e do modelo de universidade que a abriga e nem da existência de diferentes níveis de políticas públicas que influenciaram sua expansão. Embora haja concordância de que o sistema de Pós-graduação consolidou-se nas últimas duas décadas, atingindo seus principais objetivos, para Closs (2002) não deixam de existir questionamentos



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

em vista de uma série de dificuldades que desafiam os administradores e professores dos mestrados e doutorados.

Paula (2009) considera que muitas universidades públicas brasileiras, alcançaram padrões de excelência. “Somos referência entre os países em desenvolvimento na área de pesquisa e pós-graduação no país e no exterior, graças a uma política de Estado executada com rigor via agências de fomento à pesquisa, como CAPES e CNPq, ao longo de várias décadas” (p. 80).

Assim, ninguém pode ignorar que o Brasil representa no cenário latino-americano uma das raras experiências de um Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG) academicamente sólido, com respeitabilidade e reconhecimento. Para isso, todos sabem que a vitalidade acadêmica das Instituições de Educação Superior (IES) e dos institutos de pesquisa tem como uma de suas condições de possibilidade o que é realizado no espaço da Pós-graduação.

Desta forma, é necessário resgatar a questão do processo avaliativo da Pós-graduação brasileira, visto que traz contribuições significativas para se entender dois elementos definidores das atividades de pesquisa realizada nas universidades: o capitalismo acadêmico e a produtividade docente.

Oliven (2005) destaca que em 1972, a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) iniciou um programa de avaliação dos cursos de mestrado e doutorado que serviu de orientação às suas políticas. Balbachevsky (2005) acrescenta que o primeiro processo efetivo de avaliação dos programas de Pós-graduação aconteceu em 1976 e tinha como objetivo gerar parâmetros que orientassem a distribuição das bolsas de estudo naquela época. Bianchetti e Machado (2012) salientam que esse sistema de avaliação teve sua origem vinculada a um modelo estatístico oriundo da área de Economia e Contabilidade.

Esse sistema implantado pela CAPES na década de setenta objetivava também estabelecer o padrão de qualidade exigido dos cursos de mestrado e de doutorado e identificar quem atendia a tal padrão. Isso impulsionaria a evolução de todo o SNPG, e de cada programa em particular, para metas e desafios da ciência e tecnologia na época, dotando o país de um banco de dados sobre a Pós-graduação *Strictu Sensu* nacional (BIANCHETTI e MACHADO, 2012). A avaliação da Pós-graduação é a atividade que mais tem repercussão, pois afeta diretamente as IES e a distribuição de subsídios financeiros aos programas.

Segundo Arruda (1999) ao se vincular a questão da qualidade que norteou o desenvolvimento desse nível de ensino, o sistema de Avaliação chancelado pela CAPES assegurou bases sólidas a expansão e consolidação da Pós-graduação e contribuiu para a criação de condições essenciais para que se efetivassem grandes avanços na pesquisa científica e tecnológica no país.

A CAPES centrou sua avaliação na produção científica dos pesquisadores ligados aos programas de Pós-graduação. Em cada área, a agência formou comitês contando com a participação de pesquisadores influentes. Os comitês ficaram encarregados de avaliar e classificar cada programa. Com o passar dos anos, os comitês se transformaram em importantes fóruns para a fixação dos padrões de qualidade da pesquisa e da carreira



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

acadêmica. Balbachevsky (2005) compreende que suas atividades tiveram consequências importantes para o processo de institucionalização dos campos do conhecimento e da construção da comunidade científica brasileira.

Para Arruda (1999) a centralidade adquirida pela avaliação de desempenho da Pós-graduação no Brasil explicitava-se de modo incontestado. Por isso, consolidavam-se e rotinizavam-se os procedimentos avaliativos e as regras e formas de legitimação do trabalho acadêmico ao longo dos anos. Mas, foi necessária uma reformulação.

Então, na década de noventa, a CAPES reorganizou o sistema de avaliação e em 1998 um modelo mais rígido foi colocado em prática, preservando a autoridade dos comitês de avaliação por pares. Balbachevsky (2005) comenta que as novas regras reforçaram a adoção de padrões de qualidade internacional e impuseram parâmetros para avaliação do desempenho dos docentes, dando ênfase para sua produção acadêmica.

Arruda (1999) destaca que é consensual, no seio da comunidade acadêmica, o reconhecimento de que a avaliação dos Programas, levada a cabo pela CAPES na década de noventa, implicou profundas transformações, explicadas por concepções renovadoras. “As mudanças implementadas adquiriram características particulares, apesar do Sistema de Avaliação ter sido continuamente reformulado desde a sua criação em 1976, uma vez que se alterava substantivamente os preceitos norteadores do próprio modelo” (p. 220).

Detalhando esse processo avaliativo, Severino (2010) explica que a agência procede a um acompanhamento anual do desempenho dos Programas, sendo que trienalmente atribui um conceito a cada curso de mestrado e doutorado. Essa avaliação é feita por comitês presididos por um representante da área do conhecimento.

Atualmente, a nova ordenação da avaliação adotou uma escala de sete pontos (no lugar de cinco do sistema anterior) de classificação dos programas pela análise da qualidade das dissertações e teses, onde os maiores níveis (seis e sete) correspondem aos que oferecem doutorado e que possuem padrões internacionais (SEVERINO, 2010). A nota três é o mínimo exigido para que um programa possa continuar credenciado.

Um dos elementos avaliativos dos Programas é a produção intelectual institucionalizada dos docentes, a Portaria do CNE/CES Nº. 02 de abril de 1998 estabelecia indicadores para ratificá-la, e, ainda, sinalizava a obrigatoriedade de demonstrar a participação dos docentes em congressos nacionais ou internacionais, bem como a publicação dos resultados das pesquisas em revistas indexadas (BRASIL, 2013). Essa portaria foi revogada e passa a valer a Resolução CNE/CES Nº 3 de 2010 que regulamenta o artigo 52 da Lei Nº. 9.394 de 1996, dispondo sobre as normas e procedimentos para credenciamento e reconhecimentos de universidade. Porém, nessa nova normativa não há mais nenhum tipo de caracterização ou explicitação sobre a produção intelectual institucionalizada conforme a anterior sugeria.

No que diz respeito a essa produção, notou-se ao longo dos anos de avaliação da Pós-graduação a efetivação de diligências no âmbito operacional, por intermédio do aprimoramento do sistema de coleta e tratamento de dados (Coleta CAPES), além da definição de indicadores mais precisos da produtividade dos programas (Qualis Periódico).



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

Isto quer dizer, intensificou-se a eficiência dos instrumentos de aferição tendo em vista o dimensionamento da produtividade docente.

Explicitando a coleta de dados CAPES é um sistema informatizado que tem como objetivo tributar informações sobre os programas de Pós-graduação *stricto sensu* do país, subsidiando o processo de avaliação, bem como o fomento e o delineamento de políticas institucionais (Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/coleta-de-dados>. Acesso em: 04. mar. 2013).

Já o qualis periódicos é o conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de Pós-graduação. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados para a divulgação do conhecimento. A organização dos níveis de sistematização das informações em A, B, C, representou a tentativa de aproximação das expressões qualitativas (Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>. Acesso em: 04 mar. 2013).

Kuenzer e Moraes (2005) qualificam essa tendência, impressa pela agência reguladora da Pós-graduação de “surto produtivista” e fazem alusão que a quantidade instituiu-se em meta. Nos últimos anos, o tempo tem pesado mais do que qualquer outro fator quando se trata de produção científica e isso é relevante quando instaurado numa sociedade hipermoderna, que tem como pano de fundo um consumo comercial da relação com o tempo, prevalecendo uma escalada a uma espiral hiperbólica.

Daí a expressão do capitalismo acadêmico (SLAUGHTER e LESLIE, 1997) estar em voga e sendo concebida para dar conta da maneira peculiar como o capitalismo se realiza neste âmbito da atividade acadêmica, a partir da sustentação do binômio avaliação-fomento, sob o signo da produtividade, numa sociedade onde o prefixo hiper se instaura definitivamente. Isso se evidencia na competição dos recursos para a pesquisa que estão diminuindo, e o aumento gradativo de pesquisadores que passa a pleiteá-los, numa concorrência desleal entre pesquisadores seniores e iniciantes. Há, pois uma proporção geométrica descompensadora.

Nesse contexto, o conceito capitalismo acadêmico adquire relevância, pois permite explicar a orientação das transformações recentemente promovidas nas universidades. O conceito desenvolvido por Slaughter e Leslie (1997) refere-se ao uso que as universidades fazem do seu o ativo real: os docentes e seus acadêmicos.

Esse termo esclarece não só a forma como os serviços universitários são transformados em mercadorias de consumo, assim como a crescente importância que adquirem, nas universidades, as atividades de pesquisa que servem para alimentar esse universo. Desta forma, em muitas universidades, os investigadores passam a dedicar boa parte de sua jornada de trabalho e, sobretudo a sua inteligência, talento e disposição de trabalho, a buscar produtividade gerando adensamento e densidade de produção acadêmica.

Retomando a discussão da hipermodernidade e o consumo excessivo de livros, revistas, participação em eventos, bem como a necessidade eminente de publicação de resultados alcançados em pesquisas, Bianchetti e Machado (2012) apontam que na atual conjuntura o frenesi por publicar tem desencorajado autores a escreverem livros, pois



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

demandam mais tempo de elaboração, mais pesquisa e por isso, acabam rendendo menos numa proporção temporal.

A pressão da quantidade da produção científica gera angústias sobre o sentido do trabalho docente e a qualidade daquilo que faz. O espaço acadêmico torna-se o local do individualismo, do “narciso”. Machado (2006) num momento de angústia sobre essa temática indica que

A necessidade de publicar *ad infinitum*, quanto mais melhor, associada à satisfação de uma exigência, que não entra no mérito da necessidade do conteúdo do texto exercer algum benefício para outrem que não sejam os interessados imediatos: aquele (o pesquisador) e aqueles (o seu grupo) que precisam ter publicações para estar quites com uma exigência regulamentar superior. [...] O que vivemos hoje na pós-graduação com relação aos escritos publicados é que a sua finalidade se esgota no cumprimento da obrigatoriedade de ter escrito, publicado e preenchido os devidos formulários (*lattes* e APCN) (p. 113).

Chauí (2003) também concorda com essa situação, quando expõe que

a quantidade de publicações precisa ser tomada *cum grano salis*, [com moderação e parcimônia] pois sabemos que essa quantidade pode exprimir pouca qualidade e pouca inovação porque: a) os chamados processos de avaliação da produção acadêmica, dos quais dependem a conservação do emprego, a ascensão na carreira e a obtenção de financiamento de pesquisas, são baseados na quantidade de publicação de artigos e do comparecimento a congressos e simpósios; b) a quantidade de “pontos” obtidos por um pesquisador também depende de que consiga publicar seus artigos nos periódicos científicos definidos hierarquicamente pelo *ranking*; [...] isso se refere a um problema de fundo, qual seja, a mudança imposta ao *tempo* do trabalho intelectual e científico (p. 10 – grifos da autora).

Assim, os efeitos perceptíveis que esse modelo produtivista traz para a saúde física e mental dos professores é evidente nos congressos e seminários. Muitos pesquisadores hoje se dedicam inteiramente a produção do conhecimento, não têm vida social e muito menos a atividade de lazer, porque precisam atender a demandas cada vez maiores, impostas pela política avaliativa brasileira.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Toda discussão teórica é uma atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação e investigação de um fato, sendo considerada uma atividade que permite elaborar um conjunto de conhecimentos, auxiliando na compreensão da realidade e orientando ações para sua transformação.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

Para Severino (2010), a ciência, enquanto conteúdo de conhecimentos, só se processa como resultado da articulação do lógico com o real e da teoria com a realidade. Por isso, uma pesquisa geradora de saber científico, deve superar necessariamente um simples levantamento de fatos e coleção de dados, buscando articulá-los no nível de uma interpretação teórica.

A estratégia utilizada nesta explanação organizou-se a partir de uma rede de pressupostos que definiram a concepção do processo avaliativo da Pós-graduação brasileira que perpassa o problema da produtividade e da carreira docente. Esses princípios proporcionaram as bases da pesquisa, fazendo com que o pudesse ser interpretado sob a determinação do produtivismo, a partir de alguns elementos do capitalismo acadêmico que contribuíram na busca de uma leitura não ingênua, mas crítica das atividades dos pesquisadores.

Sendo assim, partiu-se de uma concepção de pesquisa que buscou a problematização da universidade brasileira, em especial neste estudo, no universo da Pós-graduação, provocando reflexões sobre esta temática. Pretendeu-se, com isso, que as dificuldades aflorassem, e que os caminhos para sua superação fossem desvelados na partilha das inquietações e angústias que perpassaram a realidade brasileira.

Utilizou-se para a construção desta investigação, num primeiro momento uma pesquisa bibliográfica sobre os temas elencados. Paralelamente, foi realizada uma pesquisa documental dos currículos *lattes* dos docentes de um Programa de Pós-graduação e de um curso de graduação, ambos na área da Educação de uma instituição pública estadual. Finalmente, num terceiro momento, foi preciso utilizar-se de uma pesquisa de campo, entrevistando líderes de grupos de pesquisa na mesma área do conhecimento acerca da problemática desta investigação.

Com relação à reflexão analítica, utilizaram-se os seguintes procedimentos: análise de conteúdo (BARDIN, 2009), além da pesquisa quali/qualitativa (GAMBOA, 1995). A opção metodológica de se apreciar os dados da investigação a partir da primeira abordagem é evidenciada porque sua utilização, enquanto procedimento de pesquisa, numa perspectiva crítica, reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento.

Especificamente sobre a metodologia quali/quantitativa, muitas são as divergências observadas, porém a proposta desta pesquisa foi o uso das duas abordagens, que se mostrou adequada na construção de uma perspectiva coerente para analisar a realidade na Pós-graduação brasileira.

Assim, aceitou-se como pressuposto o que Gamboa (1995) considera de terceira reação, que concebendo as condições de produção da investigação, propõe a síntese e a superação de falsos dualismos e dicotomias epistemológicas. “Busca-se a objetividade processual e a correção dos desequilíbrios oriundos dos radicalismos, aceitando a produção do conhecimento como realidade socialmente construída” (p. 89).

Partindo dessa premissa, elegeu-se a pesquisa quali/quantitativa como uma das formas apropriadas no tratamento dos dados uma vez que permitiu a abertura, a recorrência entre o referencial teórico e as entrevistas e contribuiu para uma visão integral dos tempos hipermodernos vivenciado pela sociedade.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

#### O QUE OS DADOS REVELARAM SOBRE A PRODUTIVIDADE DOCENTE

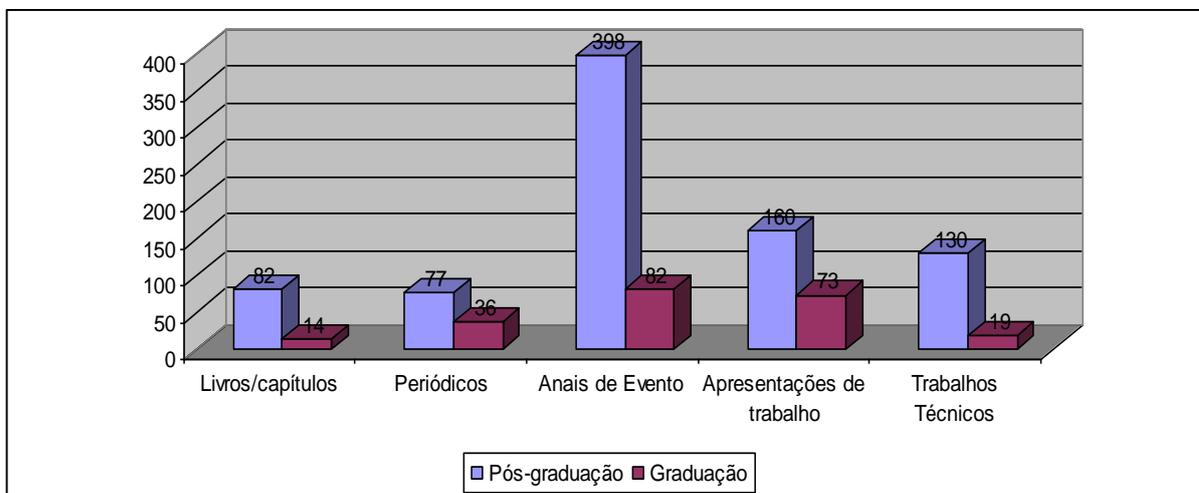
Para conseguir compreender e visualizar a questão do produtivismo a opção foi trabalhar com uma pesquisa documental dos currículos dos docentes de um Programa de Pós-graduação e de um curso de graduação, ambos na área da Educação de uma instituição pública estadual. Para analisar este universo de pesquisadores, um conjunto de informações foi buscado em relação à produção docente, utilizando o *lattes* de cada envolvido na amostra. Essa foi a ferramenta utilizada para extrair as propriedades (critérios mensuráveis) pertinentes a este espaço acadêmico.

Reforça-se que o currículo disponível no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) consistiu a fonte primordial, pois apresenta informações disponíveis para uso público. Entretanto, tomou-se o cuidado de utilizar os dados que pudessem ser objetivamente tratados e manipulados estatisticamente para a composição do panorama da problemática desta investigação.

Inicialmente, é necessário enfatizar que foram levantados as informações disponibilizadas na plataforma *lattes* de oito docentes de cada um dos segmentos indicados (Programa de Pós-graduação e curso de graduação). Totalizando-se, então, a produção acadêmica de dezesseis docentes. Todos os envolvidos nessa amostra são professores efetivos da instituição em questão e possuem titulação idêntica de doutorado.

Recorreu-se a abordagem quantitativa para uma comparação da produção docente, as categorias elencadas foram algumas das que o currículo *lattes* em sua plataforma dispõe: livros/capítulo, periódicos, anais de evento, apresentação de trabalhos, e, trabalhos técnicos.

O comparativo está organizado e disposto no gráfico a seguir:



**Gráfico 01** - Comparativo da produção docente: Pós-graduação x graduação  
**Fonte:** Pesquisa de campo (2013).



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

É possível se inferir que em todas as categorias elencadas, a produção dos docentes da Pós-graduação é maior do que na graduação. As explicações plausíveis são a cobrança exercida nesse nível da Educação Superior, obrigando esses a produzirem incansavelmente, conforme já referendado nas discussões teóricas, numa condição de trabalho docente hipermoderno.

Essa justificativa se embasa no sistema avaliativo da Pós-graduação que abrange dois procedimentos conduzidos por comissões: o Aplicativo para Propostas de Cursos Novos de Pós-Graduação (APCN) e a Avaliação Trienal dos Programas de Pós-Graduação (CAPES, 2013). Nesses processos, a produtividade tem papel relevante e determinante. Já na graduação a cobrança não é a mesma, por isso os índices são bem menores e substancialmente diferentes dos que são encontrados na Pós-graduação, conforme pode ser evidenciado no gráfico.

Também é perceptível que a maior quantidade de produção docente está na categoria dos anais de eventos, pois são rápidos, práticos e mais facilmente impactam nos resultados dos procedimentos avaliativos. Enquanto num evento, pode-se demorar de dois a seis meses desde o envio do texto até a publicação; numa revista científica que está avaliada pelo qualis periódicos, demora-se de um a dois anos, dificultando o processo de publicação em função do tempo necessário para as etapas de avaliação da revista. Assim, a perspectiva de publicação nos anais de eventos é potencializada pelos docentes desta instituição analisada que está disposta no comparativo.

Já os trabalhos técnicos ultrapassam o quantitativo numérico com relação à produção docente de livros e periódicos na Pós-graduação. Enquanto que na graduação, os periódicos predominam e os trabalhos técnicos ocupam o segundo lugar dessa comparação. É imprescindível comentar que os periódicos deveriam estar no topo das preocupações dos docentes que trabalham em Programas de Pós-graduação, pois tem uma posição privilegiada na produtividade docente, sublimadas nas indicações dos procedimentos avaliativos desse nível da Educação.

Finalizando, essa parte inicial da pesquisa documental dos currículos dos docentes envolvidos nessa investigação, buscou-se sinalizar a média de produção dos grupos nas categorias estratificadas. Verificar informações no quadro que segue:

**Quadro 01** – Média de produção do grupo por categoria

GRUPO	LIVRO/ CAPÍTULO	PERIÓDICO	ANAIS	APRESENTAÇÃO DE TRABALHO	TRABALHO TÉCNICO
Pós-graduação	10,2	9,6	49,7	20	16,2
Graduação	4,8	6,8	14	18	6,7

**Fonte:** Pesquisa de campo (2013).

Os dados arrolados no quadro representam notoriamente a produtividade dos docentes da Pós-graduação, pois em todas as categorias elencadas a média de produção é maior. E, em alguns casos é o dobro da apresentada na graduação (categorias: livro/capítulo e



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

trabalho técnico), e potencializada na categoria anais de eventos. Corroboram-se, desta forma, os indícios apresentados por Chauí (2003) e Machado (2006) de extrema preocupação com o produtivismo ao ponto do estrangulamento das outras atividades docentes tão importantes quanto a pesquisa na universidade, que tem tríplice função (ensino, pesquisa e extensão).

Para aprofundar reflexões sobre o produtivismo na academia, num terceiro momento foi realizada uma pesquisa de campo, entrevistando líderes de grupos de pesquisa da mesma área do conhecimento (Educação), para compreender os dilemas e as encruzilhadas vivenciadas pela pesquisa nesta instituição pública.

Dos vinte e nove líderes entrevistados, 65,5% se referiram à problemática da produtividade acadêmica. Seguem alguns relatos para compreender adequadamente à situação:

Porque sem a pesquisa não tem como você produzir o conhecimento ou dar mais estabilidade para que a instituição ofereça curso de Pós-graduação nível de mestrado ou doutorado. Sem a pesquisa não tem como você ter produção de conhecimento (Líder de grupo 06).

Tem muita gente na área de educação, ainda mais com esse problema da produção (Líder de grupo 26).

Outra coisa é quando se faz a avaliação da nossa produção e publicação, nós estamos muito aquém daquilo que deveria ter para o programa! Acho que não tinha sido colocado no horizonte com a clareza necessária, para vários professores que quando voltassem do doutorado tivessem essa produção (Líder de grupo 29).

Numa abordagem analítica qualitativa, os fragmentos das entrevistas revelaram as condições adversas da produção da pesquisa numa instituição pública estadual que tem desafios mutilantes. Acrescenta-se, para um posicionamento reflexivo mais aprofundado, que é uma universidade multicampi, com grande potencial de crescimento futurista, principalmente se for realizado um planejamento institucional que garanta a consolidação da Pós-graduação na instituição.

Uma das saídas possíveis para as dificuldades relacionadas à produção docente são os projetos integrados nos grupos de pesquisa. Segundo o líder de grupo 18:

Fazendo com que esses professores se conheçam e se articulem em grupos de pesquisa que já começam a pesquisar juntos, que produzam juntos, que percebam no outro o companheiro para produzir, para potencializar essa produção. Já que é necessária para que a gente tenha num prazo menor a Pós-graduação consolidada.

O paradoxo da produtividade permeia as relações docentes, principalmente as relacionadas ao universo da Pós-graduação. Um dos participantes da entrevista assinala que: “Eles colocam que tem que ter um mínimo de produção acadêmica para conseguir financiamento. Como é que você vai ter produção, se você não tem financiamento. É um paradoxo essa questão” (Líder de grupo 22).



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

Evidencia-se um sistema avaliativo que se estruturou em função de uma idéia produtivista que envolve os docentes e acaba esbarrando nos discentes. Há uma obsessiva competição para apresentar os resultados dos projetos de pesquisa realizados e a relação com o tempo é extrapolada. A grande preocupação é com o consumo de livros, congressos, revistas, viagens para apresentações. Esse é o hipermercado da academia!

Desta forma, as exigências de títulos e a necessidade de superação nos exames avaliativos da Pós-graduação são cada vez mais intensas. Isso está evidente nas respostas dos líderes de grupos de pesquisa destacadas nos fragmentos das entrevistas. Porque tudo o que é produzido é contado e pontuado na avaliação e deve estar explicitada em seu *lattes*.

Nesse sentido, os resultados teórico-analíticos encontrados sinalizam que houve ao longo dos últimos anos a efetivação de diligências no âmbito operacional, por intermédio do aprimoramento do sistema de coleta e tratamento de dados, além da definição de indicadores mais precisos da produtividade docente.

Para encerrar temporariamente, mas não esgotando as possíveis elucubrações sobre o objetivo deste estudo que foi compreender os dilemas e as encruzilhadas vivenciadas pela Pós-graduação brasileira no tocante a produtividade docente em tempos hipermodernos, salienta-se que como no mercado, a produção é avaliada e quantificada, gerando um suposto *ranking* de produtividade dos docentes.

Assim, tudo tem valor de troca, sem levar em consideração onde, o que, como e porquê foi publicado, nem ao menos se o que foi socializado tem importância para a área do conhecimento a que pertence. Não se importa também quais foram as estratégias que foram utilizadas para conseguir publicar, o que realmente tem ênfase é a quantidade.

Posto isso, acredita-se que a especificidade do trabalho do pesquisador requer estudos cuidadosos a respeito do processo de subsunção da produtividade docente ao capitalismo acadêmico, buscando entender essa relação, principalmente acerca do controle e da regulação de suas tarefas.

### **À GUIZA DE ALGUMAS CONCLUSÕES**

A hipermodernidade é a remobilização das crenças tradicionais, o indivíduo entre o passado e o presente, a exacerbação do tempo, o consumo exagerado, e não exclusivamente a autocrítica do saber, do conhecimento científico e das instituições. Muito mais do que apenas uma expectativa quanto ao uso de um prefixo (hiper ou pós) e sua discussão retórica, o termo define a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio da moderação. excesso

É, pois, caracterizada como um momento conflitante, a modernidade passou para uma velocidade superior em que tudo hoje pode ser levado ao abuso e descomedimento. Assim, não possui limitações e nem críticas fundamentais em relação a si mesma; e o triunfo do mercado através da globalização, serve como evidência de que vive-se na era hipermoderna.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

Nesse contexto, refletir sobre o sentido histórico-teórico do processo avaliativo da Pós-Graduação brasileira foi um grande desafio, principalmente, quando se associa sua responsabilidade acadêmica e política na produção da ciência e da tecnologia, situadas num determinado contexto social. Isso teve grande relevância e significado quando se trouxe uma reflexão sobre o papel da Pós-Graduação numa realidade hipermoderna, marcada pelo avanço do capitalismo acadêmico e da produtividade docente.

Desta forma, o capitalismo acadêmico está radicado na universidade brasileira, não é que não seja necessário realizar um procedimento avaliativo da produção docente na Pós-graduação, mas com um modelo onde a prioridade é a qualidade e não a quantidade dos artigos publicados. Isso traz o conceito de produtividade e do mercado para dentro da universidade, ficando difícil realizar pesquisas de excelência quando a preocupação é temporal com relação aos resultados alcançados.

Em suma, o produtivismo acadêmico vem sendo pesquisado, denunciado e causa desconforto entres os pesquisadores. Nas abordagens nacionais e internacionais, o capitalismo está no banco dos réus, cada vez mais adjetivado de capitalismo acadêmico e assinalado como provocador de tensões que os pesquisadores não simpatizam. É o paradoxo atual provocado pela hipermodernidade, um indivíduo produtivo ao extremo, porém uma engrenagem da sociedade.

A proposta deste artigo foi compreender como a produtividade docente inseriu-se no meio universitário sob o condicionamento do capitalismo acadêmico. Isso tem sido um dispositivo de controle e de regulação do trabalho dos professores, que acaba perpetuando e reproduzindo o sistema capitalista e não possibilitando transformações na/da realidade. A assimetria gerada pelo *ranking* do produtivismo gera desigualdades que intensificam a competição, a insegurança, a flexibilidade, a imprevisibilidade, a impotência, e a própria certeza da condição do pesquisador.

A universidade subsumida na produção quantitativa é chamada pela sociedade hipermoderna para responder às emergências desses conflitos produzidos pela produtividade. Precisa-se, neste momento, refletir profundamente se esse modelo de trabalho, sob o controle do capitalismo acadêmico, revitaliza de alguma forma a carreira docente ou a impõe como mecanismo de estrangulamento das atividades docentes.

Assim, não é possível continuar se mantendo sob a tutela do capitalismo acadêmico para avaliar o desempenho dos docentes no que se refere ao ato de pesquisar, criando searas, nichos, feudos, enfim, contando, somando, dividindo e fragmentando o trabalho nas instituições de Educação Superior.

Diante desse quadro, há que se admitir que as mudanças recentes introduzidas nas universidades brasileiras só agravaram o processo de intensificação e precarização do trabalho docente. Uma saída possível seria pensar nas redes, concentrando esforços de produção em pesquisas de excelência acadêmica. Essa alternativa traz novos desafios, atrelando a questão da interdisciplinaridade dos projetos e impactando diretamente na carreira dos docentes envolvidos com as pesquisas que passam a ter parceiros nas investigações.

Algumas iniciativas do Ministério da Ciência e Tecnologia, como o Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência (Pronex) e o Programa Institutos do Milênio são projetos



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

cooperativos de redes temáticas de pesquisa, que possibilitam a introdução de um padrão diferente de organização da pesquisa (LIVRO BRANCO, 2002). Essa perspectiva garantiria sintonia com as exigências de interação das áreas de fronteiras do conhecimento e não apenas com a produtividade docente.

Neste sentido, vale ressaltar que a integração e a interdisciplinaridade são passaportes para o estabelecimento desse modelo diferenciado de organização da pesquisa na universidade, que é a perspectiva das redes. Didriksson (2011) destaca ainda que isso acontece quando se tem um “[...] docente concentrado em actividades de creación intelectual (científica, técnica y humanística), sin la puesta en marcha de redes académicas de interacción con las comunidades académicas internacionales [...]” (p. 450).

Para finalizar as reflexões, é imprescindível ressaltar que as redes de pesquisas podem proporcionar qualidade à Educação Superior, e os maiores beneficiados são os docentes e os acadêmicos ressoando na sociedade em geral. A melhoria se dá efetivamente no fortalecimento dos grupos e na socialização de seus conhecimentos, bem como também na possibilidade de construção de novas parcerias, pois que as redes privilegiam essa articulação coletiva.

Finalmente, é possível considerar que as encruzilhadas são muitas e estão no limiar da produção ou não-produção acelerada do conhecimento em busca da produtividade pela pesquisa. Constatou-se que hoje as universidades vivem pressionadas e pressionam seus docentes. Há um crescente fortalecimento das avaliações externas e internas, onde os professores sentem-se impulsionados a produzir e a publicar para poder competir com outras instituições que também vivem essa experiência regulatória.

Além disso, os dilemas a serem enfrentados são inúmeros e provocam reflexões diárias sobre a avaliação de desempenho e sobre a carreira docente. Assim, é necessário buscar um redimensionamento da avaliação da Pós-graduação, alterando a tendência de se enxergá-la apenas como uma obrigação imposta pelo capitalismo acadêmico, mas contrariamente como necessidade interna para quem tem a possibilidade de construir, modificar e potencializar suas práticas para viabilizar a qualidade da pesquisas realizadas na universidade brasileira.

### **REFERÊNCIAS**

- ARRUDA, M. A. N. A nova política de Pós-graduação no Brasil. **Tempo social: revista de sociologia**. São Paulo: 11 (2). out. 1999. p. 219–229.
- BALBACHEVSKY, E. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. BROCK, C.; SCHWARTZMAN, S. (orgs.). **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 285-314.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. **“Reféns da produtividade” sobre produção do conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação**.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3503--Int.pdf>. Acesso em: 02 set. 2012.

BRASIL. 2013. **Resolução CNE/CES N. 2, de 7 de abril de 1998**. Disponível em: <http://meclegis.mec.gov.br/documento/document/id/175>. Acesso em: 05 mar. 2013.

CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/duvidas-frequentes/64-avaliacao-dados/4114-entenda-o-que-e-apcn-e-o-que-e-avaliacao-trienal>. Acesso em: 07 mar. 2013.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista brasileira de educação**, n. 24. set./dez. 2003. p. 5-15.

CLOSS, D. Reflexões sobre a atualidade da universidade brasileira. ROHDEN, V. (org.) **Idéias de universidade**. Canoas: ULBRA, 2002.

DIDRIKSSON, A. Contexto global y regional de la educación superior en América Latina y el Caribe. GAZZOLA, A. L.; DIDRIKSSON, A. (orgs.). **Tendencias de la educación superior en América Latina y el Caribe**. Caracas: IESALC/UNESCO, 2008. Disponível em:

[http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2&Itemid=408&lang=es](http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=408&lang=es) Acesso em: 04 ago. 2011.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (orgs.) **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

<http://www.capes.gov.br/avaliacao/coleta-de-dados>. Acesso em: 04. mar. 2013.

<http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>. Acesso em: 04 mar. 2013.

KUENZER, A. Z.; MORES, M. C. M. Temas e tramas na pós-graduação em educação.

BIANCHETTI, L; SGUISSARDI, V. (orgs.). **Dilemas da pós-graduação: gestão e avaliação**. Campinas: Autores Associados, 2009.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. **Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento**. São Paulo: Alameda, 2011.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Mario Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

\_\_\_\_\_. **Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna**. Disponível em:

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAVuUAG/gilles-lipovetsky-os-tempos-hipermodernos#ixzz22soQKcnz>. Acesso em: 09 ago. 2012.

LIVRO BRANCO ciência, tecnologia e inovação. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

MACHADO, A. M. N. Produtividade na pós-graduação brasileira? Rumos, limites e engodos na busca de garantir a qualidade. **Atos de pesquisa em educação**. Blumenau. v. 1, n. 2, maio/ago. 2006. p. 106-119.



## XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas

### *Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad*

- MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar**. Curitiba, n. 28, 2006. p. 107-124.
- OLIVEN, A. C. A marca de origem: comparando *colleges* norteamericanos e faculdades brasileiras. **Cadernos de Pesquisa**. v. 35, n. 125, maio/ago. 2005. p. 111–135.
- PAULA, M. F. A formação universitária no Brasil: concepções e influências. **Avaliação**. Campinas. v. 14, n. 1, mar. 2009. p. 71-84.
- PEREIRA, E. M. A. A universidade nos paradigmas da modernidade e da pós-modernidade.
- LOMBARDI, J. C. (org.) **Temas de pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SLAUGHTER, S.; LESLIE, L. L. **Academic capitalism: politics, policies, and the entrepreneurial university**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.